

Seis poemas de Dana Gioia sobre o tema de amor e mistério*

Rose Angelina Baptista

Oração ao Solstício de Inverno

Bendita a estrada que nos mantém sem teto.
Bendita a montanha que estorva nosso caminho.

Benditos a fome, sede, solidão e todos os desejos.
Bendito é o trabalho que nos exaure sem fim.

Benditas a noite e a escuridão que nos cegam.
Bendito o frio que nos ensina a sentir.

Benditos o gato, criança, grilo e corvo.
Bendito o falcão devorando a lebre.

Benditos o santo e pecador, se redimem um ao outro.
Benditos os mortos, plácidos em sua perfeição.

Bendita é a dor que nos humilha.
Bendita a distância que restringe nossa alegria.

Bendito é esse breve dia que nos faz almejar a luz.
Bendito é o amor que, ao perdê-lo, o descobrimos.

Prayer at Winter Solstice

Blessed is the road that keeps us homeless.
Blessed is the mountain that blocks our way.

Blessed are hunger and thirst, loneliness and all forms of desire.
Blessed is the labor that exhausts us without end.

Blessed are the night and the darkness that blinds us.
Blessed is the cold that teaches us to feel.

Blessed are the cat, the child, the cricket, and the crow.
Blessed is the hawk devouring the hare.

Blessed are the saint and the sinner who redeem each other.
Blessed are the dead, calm in their perfection.

Blessed is the pain that humbles us.
Blessed is the distance that bars our joy.

Blessed is this shortest day that makes us long for light.
Blessed is the love that in losing we discover.

* "Prayer at Winter Solstice," "Sea Pebbles: An Elegy," "Pentecost," "Money," and "Marriage of Many Years" from *99 Poems: New and Selected*. "Tinsel, Frankincense, and Fir" from *Meet Me at the Lighthouse*. Copyright © 2016, 2023 by Dana Gioia. Translated with the permission of Graywolf Press, Minneapolis, Minnesota, www.graywolfpress.org.

Seixos do Mar: Uma Secreta Elegia

Meu amor, como o tempo faz a dureza brilhar.
Eles vêm em todas as cores, puros ou misturados,
cinza-verde de basalto, jaspe tinto de sangue,
quartz,
granito e feldspato; até pedaços de vidro,
alisados pelo paciente joalheiro das marés.

Proles dum vulcão, escavados aos terremotos,
tonsurados por gelo, no cinzel do vento, calor,
estratificados, salpicados, brilhantes nas espumas—
não há dois iguais, todos arrancados da terra seca
jogados aos milhões nesta costa vazia.

Quão pouca a morte aparenta entre as rochas.
Vagam
leves como um osso lascado que a maré revela.
Luzem entre as conchas de ostras quebradas,
eviscerados por gaivotas, alvejados em sal e sol—
as louça quebradas dos entes vivos.

As biguás deslizam pela baía tranquila.
Um falcão observa do cume indiferente
aos fardos que carreguei aqui.
Não adianta andar mais, então eu sento,
oco toco flutuante, morto tal qualquer pedra.

Sea Pebbles: an Elegy

My love, how time makes hardness shine.
They come in every color, pure or mixed,
gray-green of basalt, blood-soaked jasper, quartz,
granite and feldspar, even bits of glass,
smoothed by the patient jeweler of the tides.

Volcano-born, earthquake-quarried,
shaven by glaciers, wind-carved, heat-cracked,
stratified, speckled, bright in the wet surf—
no two alike, all torn from the dry land
tossed up in millions on this empty shore.

How small death seems among the rocks. It drifts
light as a splintered bone the tide uncovers.
It glints among the shattered oyster shells,
guttled by gulls, bleached by salt and sun—
the broken crockery of living things.

Cormorants glide across the quiet bay.
A falcon watches from the ridge, indifferent
to the burdens I have carried here.
No point in walking farther, so I sit,
hollow as driftwood, dead as any stone.

*Pentecostes**Após a morte de nosso filho*

Nem a tristeza da tarde, esperando na casa silenciosa,
nem a noite sem alívios de sono, quando a memória reverbera sua acusação.

Nem a dor da manhã pela ilusão do sonho, nem preces improvisadas a um insondável deus podem extinguir a chama.

Não somos como éramos. A morte tem sido nosso Pentecostes,
e nossa inocência consumida por essas implacáveis línguas de fogo.

Conforta-me com pedras. Sacia-me a sede com areia.
A ti ofereço essa mão cicatrizada e culpada até que outros misturem nossas cinzas.

*Pentecost**After the death of our son*

Neither the sorrows of afternoon, waiting in the silent house,
Nor the night no sleep relieves, when memory Repeats its prosecution.

Nor the morning's ache for dream's illusion, nor any prayers
Improvised to an unknowable god
Can extinguish the flame.

We are not as we were. Death has been our Pentecost,
And our innocence consumed by these implacable Tongues of fire.

Comfort me with stones. Quench my thirst with sand.
I offer you this scarred and guilty hand
Until others mix our ashes.

*Dinheiro**Money is a kind of poetry.*

—WALLACE STEVENS

Dinheiro, bufunfa,
cobre, tostão, prata, dimdim
ou simplesmente grana.

Marque a conta, desembolse,
despache-o. Veja-o
criar rombos nos bolsos.

Ser feito dele!
Tê-lo para gastar! Notas verdes, águias duplas,
mega dólares e Ginnie Maes.

Ele engraxa a palma, empluma um ninho,
mantém as cabeças sobre as águas,
faz os fins se encontrarem.

Dinheiro gera dinheiro.
Acumula juros, multiplica-se dia-a-dia.
Sempre em circulação.

Dinheiro. Você não sabe por onde ele passou,
mas você o coloca onde sua boca está.
E ele fala.

*Money**Money is a kind of poetry.*

—WALLACE STEVENS

Money, the long green,
cash, stash, rhino, jack
or just plain dough.

Chock it up, fork it over,
shell it out. Watch it
burn holes through pockets.

To be made of it! To have it
to burn! Greenbacks, double eagles,
megabucks and Ginnie Maes.

It greases the palm, feathers a nest,
holds heads above water,
makes both ends meet.

Money breeds money.
Gathering interest, compounding daily.
Always in circulation.

Money. You don't know where it's been,
but you put it where your mouth is.
And it talks.

Casamento de Muitos Anos

Maioria do que se passa se passa além das palavras.
 Os léxicos lábio e ponta do dedo
 desafiam tradução na fala coloquial.
 Eu reconheço o almíscar do teu cabelo negro.
 Sempre me arre pia, sem poder descrevê-lo.
 Meu dedo na tua coxa não toca a pele—
 ele toca tua pele que se aquece ao meu toque.
 És uma linguagem que aprendi de cor.

Esse íntimo patoá desaparecerá connosco,
 únicos falantes nativos. Que importa?
 Nossos cantos tribais, nossas danças ladeando o
 fogo
 realizaram a feitiçaria que mais precisávamos.
 Vestiu-nos dum encanto que o tempo não pode
 quebrar.
 Que os jovens expressem seus êxtases. Nós velamos
 nossa tribo de dois em soberano sigilo.
 O que tem que se perder nunca se perdeu em nós.

Marriage of Many Years

Most of what happens happens beyond words.
 The lexicon of lip and fingertip
 defies translation into common speech.
 I recognize the musk of your dark hair.
 It always thrills me, though I can't describe it.
 My finger on your thigh does not touch skin—
 it touches your skin warming to my touch.
 You are a language I have learned by heart.

This intimate patois will vanish with us,
 its only native speakers. Does it matter?
 Our tribal chants, our dances round the fire
 performed the sorcery we most required.
 They bound us in a spell time could not break.
 Let the young vaunt their ecstasy. We keep
 our tribe of two in sovereign secrecy.
 What must be lost was never lost on us.

Festão, Franquincenso e Abeto

Pondo velhos enfeites numa árvore recém-cortada,
 pego cada bola vermelha, anjo de papel alumínio
 e sobre a poeira. Qualquer outra pessoa
 jogá-los-iam fora. Tão arranhados, puídos.

Minha mãe tinha tão pouca alegria a compartilhar,
 ela a guardava escondida numa caixa.
 Mas nas noites mais escuras de inverno—voilà—
 ela a abria, resplandecentemente a luzir.

Com zelo, pendurava cada volta do festão,
 ou tocava as miudezas com deleite.
 Abençoada pelo incenso do abeto perfumado,
 nada era pouco para ser amado.

Por que os mortos insistem em trazer presentes
 que não podemos retribuir? Embrulhamos suas
 esperanças
 ao redor da árvore coroada por uma tênue estrela.
 Nenhum feriado é sagrado sem fantasmas.

Tinsel, Frankincense, and Fir

Hanging old ornaments on a fresh cut tree,
 I take each red glass bulb and tinfoil seraph
 And blow away the dust. Anyone else
 Would throw them out. They are so scratched and
 shabby.

My mother had so little joy to share
 She kept it in a box to hide away.
 But on the darkest winter nights—voilà—
 She opened it resplendently to shine.

How carefully she hung each thread of tinsel,
 Or touched each dime-store bauble with delight.
 Blessed by the frankincense of fragrant fir,
 Nothing was too little to be loved.

Why do the dead insist on bringing gifts
 We can't reciprocate? We wrap her hopes
 Around the tree crowned with a fragile star.
 No holiday is holy without ghosts.